

**KIERKEGAARD E CAMUS: UMA ANÁLISE DA MELANCOLIA
EXISTENCIAL**

**KIERKEGAARD AND CAMUS: AN ANALYSIS OF MELANCHOLY
EXISTENTIAL**

Luiz Alberto Veiga Vieira Junior
Licenciado em Filosofia
(PUC-PR)

RESUMO

O presente artigo visa fazer uma análise da obra literária do escritor argeliano Albert Camus tendo como ponto de partida o conceito de desespero cunhado por Søren Kierkegaard. Tendo sido Camus profundamente influenciado pela tradição existencialista, se faz importante avaliar até que ponto as ideias do pensador dinamarquês pairam sobre a construção dos personagens camusianos. Personagens estes que estão sempre envoltos em uma atmosfera melancólica, que resulta da percepção que estes tiveram acerca do absurdo que tange a existência. Quando interpretamos o que Camus chama de absurdo, fica clara a relação com o desespero, aquilo que Kierkegaard acredita ser a doença mortal do espírito.

PALAVRAS – CHAVE: Desespero, angústia, absurdo, melancolia, existencialismo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the literary work of the Algerian writer Albert Camus taking as basis the concept of despair coined by Søren Kierkegaard. Camus has been deeply influenced by the existentialist tradition, and it is important to evaluate whether the ideas of the Danish thinker hover over the construction of Camusian characters. These characters that are always shrouded in a melancholy atmosphere, which results from the perception that they had about the nonsense which touches the existence. When we interpret what Camus calls absurd, is a clear relationship with the despair, which Kierkegaard believes to be the deadly disease of the spirit.

KEY WORDS: Despair, anguish, absurdity, melancholy existentialism.

1 INTRODUÇÃO

De uma forma ou de outra a filosofia sempre esteve em contato íntimo com a literatura. Desde que as primeiras formulações de reflexões filosóficas surgiram, a prosa e a poesia estiveram ali como matronas do livre pensamento. Ora, quando buscamos estudar os gregos e seus sistemas não somos obrigados a compreender antes Homero e seus versos? O fato é que a filosofia moderna, em seu ensejo racionalista negou à literatura a possibilidade de uma expressão filosófica. Mas essa privação não se manteve. Veio o século XIX, e com ele a necessidade dos Românticos em demonstrar as falhas da razão. E talvez tenha sido em 1864, quando Dostoievski publica as “Memórias do subsolo”, que tenha surgido a primeira formulação do que viria a ser a literatura existencialista.

Mas se formos mais radicais ainda, poderíamos afirmar que a primeira narrativa existencialista do Ocidente surgiu muito antes, com o “Hamlet” de Shakespeare. Quando o príncipe da Dinamarca faz a pergunta pelo Ser, ele estaria formulando a questão essencial da corrente filosófica que teria início três séculos depois com outro dinamarquês de personalidade igualmente paradoxal, Søren Kierkegaard. Essa questão essencial nada mais é do que a pergunta pela existência. E é, portanto, a reflexão acerca da existência o que motivou, não apenas uma série de pensadores ao longo dos últimos dois séculos, como também o propósito dessa pesquisa, onde buscamos analisar os principais personagens da obra literária do escritor argeliano Albert Camus, tendo como ponto de partida a concepção de desespero de Kierkegaard.

Embora o escritor argeliano Albert Camus tenha negado a si o título de existencialista, é incontestável que sua obra aborda as principais problemáticas de tal corrente. Sua maior contribuição nessa área talvez tenha sido a formulação da noção de absurdo, o irracional que o homem percebe existir quando se depara com sua finitude. O próprio Camus reconhece que essa estranheza em relação ao mundo já havia sido percebida pelo filósofo dinamarquês (CAMUS, 2010, p.39). De acordo com Kierkegaard o homem entra em um estado de desespero quando rompe a síntese entre a sua finitude e a infinitude (KIERKEGAARD, 1974, p. 195). Em ambos os autores, a condição pela qual um sujeito passa a viver quando se depara com o absurdo ou com o desespero é a de uma vida envolta pela atmosfera da melancolia. Portanto uma leitura cuidadosa da literatura de Camus nos revela até que ponto

podemos tentar a aproximação entre esses dois autores, e em última instância, temos um exemplo claro de dois modos pelo qual um filósofo pode vir a abordar o mesmo problema: Através do discurso e através da prosa.

2 DESENVOLVIMENTO

Em 1975 quando Albert Camus escreve *O Estrangeiro*, havia na Europa um ambiente intelectual já familiarizado pelo diálogo entre filosofia e literatura, sobretudo com as publicações dos romances e contos de Sartre. O cenário do pós-guerra foi, portanto, fundamental para esses pensadores desenvolverem suas visões de mundo. Em suma, a herança da Segunda Guerra Mundial será para esses escritores a de um mundo onde se perderam todas as referências de verdade, moral, e o significado *à priori* de uma existência. É diante disso que Camus irá formular a ideia de absurdo, e aplicá-la constantemente em sua literatura. O parágrafo inicial de *O Estrangeiro* já reflete esse intento ao demonstrar a indiferença do personagem Mersault em relação à morte de sua mãe:

Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames." Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem. (CAMUS, 2008, P. 7)

Na narrativa se sucede uma série de acontecimentos após a morte da mãe de Mersault que levam a crer que este estaria envolto em um profundo processo de indiferença com toda a existência, porém sem negá-la. Voltando do funeral da mãe, logo em seguida Mersault, conhece uma garota na praia, a leva para o cinema para ver um filme de comédia, passa a reencontrá-la periodicamente, mas nesse tempo todo não chega a demonstrar sinais de luto. O luto de Mersault é o luto da falta de sentido da existência, do abismo que existe entre as ações dos indivíduos e o significado delas, e, de acordo com Camus "... essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo" (CAMUS, 2010, P. 29).

Se formos analisar as ações e a consciência de Mersault através da filosofia de Kierkegaard e o seu conceito de desespero, iremos notar que o absurdo está em profunda concordância com isso que o filósofo dinamarquês chama de a doença mortal. Para Kierkegaard, esse estado de consciência reflete uma condição de existência que mergulha na melancolia ao perceber-se isenta de um "eu". Esse desespero do eu pode ainda ser consequência da ação de um outro sobre sua

consciência. Analogamente, Camus ao analisar as causas que levam um sujeito ao suicídio, também observa que o sujeito que se torna vítima da indiferença de outrem, pode vir a tomar esse aspecto de desespero:

Mas teríamos que saber se no mesmo dia um amigo do desesperado não o tratou de modo indiferente. Ele é que é o culpado. Pois isto pode ser suficiente para precipitar todos os rancores e todas as prostrações ainda em suspensão. (CAMUS, 2010, P. 19)

O ponto culminante da trajetória do protagonista de *O Estrangeiro* é quando por motivos absurdos e banais ele acaba por matar um árabe em uma praia. Vendo que a sua indiferença ao mundo passa a ser utilizada contra ele mesmo, quando os acusadores constantemente relembram ao júri a psicologia fria de um homem que não chorou no enterro da própria mãe, Mersault passa a perceber que não existe redenção para um homem que levou uma vida inteira de maneira absurda. Mas é no momento em que aguarda a sua execução que Mersault apresenta um paradoxo: Mesmo levando a indiferença às últimas conseqüências, demonstrando que todas as coisas no mundo possuem igual valor, ele também confessa que a vida definitivamente merece ser vivida (CAMUS, 2008, P. 123).

E é nesse ponto que Mersault encarna o espírito típico do existencialismo, mesmo percebendo que não existe uma unidade no mundo, o que o faz valer a pena é a subjetividade, a qual para Kierkagaard seria a única verdade possível. E é essa a jornada que o sujeito deve encarar para poder se curar do desespero, ou se sobrepor ao absurdo:

Pois quando tento captar este eu no qual me asseguro, quando tento defini-lo e resumi-lo, ele é apenas água que escorre entre meus dedos. (...) para sempre serei estranho a mim mesmo. (CAMUS, 2010, P. 33)

Na narrativa “A morte feliz”, livro que é considerado como o esboço de “O Estrangeiro”, temos um personagem de nome muito semelhante ao mencionado anteriormente. Mas Patrice Mersault não divide apenas o nome nas semelhanças com o protagonista do clássico romance de Camus. Também inquirido pela sua amante pela questão que o outro personagem teve de responder, se ele amava de fato sua companheira, Patrice admite para ela que amar só é possível após a velhice e a impotência, sendo que na juventude o amor não passa de um fingimento (CAMUS, 1997, P. 43).

O Mersault de *A morte feliz* também acaba cometendo um assassinato no ponto culminante de sua existência, quando conhece um aleijado chamado Zagreus, e sabendo que esse possuía uma riqueza suficiente para sustentá-lo até o fim da vida, decide matá-lo, roubar o dinheiro e fugir para Marselha onde iria tentar recomeçar a vida. O que faz Mersault tomar essa atitude é justamente o seu estado de espírito debilitado, o que ele confessa para si e para a própria vítima: “Sim, estou entediado. Tenho vontade de me casar, de me suicidar ou de fazer uma assinatura de *L’Illustration*. Um gesto desesperado, sei lá.” (CAMUS, 1997, P 46).

Em primeiro lugar, portanto, Mersault assume a sua situação de desespero e reconhece que ela se dá por uma insatisfação e por uma falta de objetivação. Para Kierkegaard essa situação se enquadra no aspecto de desespero da possibilidade e da necessidade. Se o eu é fruto da relação dialética entre finito e infinito, um sujeito que esteja privado de algo, sentirá o desespero da possibilidade, ou seja, estará aprisionado dentro de sua finitude e não poderá alcançar tudo o que deseja. Se a relação for contrária, o indivíduo nega a infinitude e se amortece dentro daquilo que se tornou, sem buscar aumentar suas possibilidades, esse será vítima do desespero da necessidade.

É interessante perceber que no livro de Camus, o personagem Mersault passa pelas duas categorias, e quem vai transpô-lo de uma forma para a outra é justamente Zagreus. Em um primeiro momento o aleijado tenta demonstrar que o que torna Mersault melancólico é o seu estado de pobreza, no qual ele não consegue visualizar alternativas mais interessantes para a existência. É quando Mersault aceita essa opinião que ele vai se jogar em uma busca hedonista constante, a qual tudo começa com a riqueza de Zagreus, e que está em concordância com o conceito kierkegaardiano de desespero da possibilidade:

“O campo do possível não pára de crescer aos olhos do ‘eu’, e este encontra sempre mais possíveis. Por fim, o possível tudo abarca, mas é porque o ‘eu’ foi tragado pelo abismo. O que falta ao ‘eu’, o que o leva a se extraviar no possível é a incapacidade de obedecer, de se submeter à necessidade, incluída em si próprio, aquilo que se pode chamar ‘as fronteiras inferiores’. A infelicidade de um tal ‘eu’ consiste em não ter tomado consciência de si próprio, em não se ter apercebido de que este ‘eu’ é o seu. Em vez disso, o homem desesperado perde-se, deixando que o seu ‘eu’ se reflita imaginariamente no possível. (GILES, 1989, P. 16)

Após a sua fuga, Mersault irá vagar pela Europa onde irá conhecer pessoas e lugares em busca de uma satisfação plena. Porém, mesmo agora que ele pode desfrutar de inúmeros prazeres, dedicar-se a contemplação, e abdicar-se de preocupações relativas à subsistência, Mersault logo percebe que isso não é o suficiente para que seu espírito deixe de ser melancólico. O seu medo da morte, a apreensão frente à finitude, ainda lhe mantém em estado de desespero. Logo então, Mersault irá perceber que sua busca é pela possibilidade de encontrar uma felicidade plena e que esta o conduza ao caminho da morte de maneira tranqüila. Nesse ponto percebemos que Camus continua em consonância com Kierkegaard, uma vez que o personagem da narrativa começa a perceber que a saída para o seu dilema está na relação com seu próprio “eu”:

“Nesta terra levada ao desespero da inocência, viajante perdido num mundo primitivo, ele redescobria suas amarras e, com o punho cerrado contra o peito, o rosto esmagado contra a vidraça, imaginava seu arrebatamento em relação a si próprio e à certeza das grandezas que nele dormiam” (CAMUS, 1997, P. 78)

Uma das formas mais comuns de desespero, aquele relacionado à finitude e a morte, será a predominante entre os personagens de “A Peste” (1947). Nessa narrativa Camus explora o sentimento do absurdo em seu aspecto coletivo, quando uma massa de indivíduos se vê em uma condição que diz respeito ao grupo como um todo, porém o enfrentamento dessa situação passa a adquirir aspectos particulares. No livro, a cidade de Oran se viu tomada por uma peste que dentro de poucos meses obrigou o isolamento total de seus cidadãos com o resto do mundo, o que irá resultar na constante apreensão entre aqueles que se viram separados de entes queridos que por ventura estivessem fora da cidade no momento em que esta entrou em quarentena. Com os seus cidadãos a mercê da peste, Oran se depara com o enfrentamento da morte, o que irá demonstrar a verdadeira faceta da existência, que é envolta por contradições e paradoxos.

Para Kierkegaard, existir é aceitar o jogo das contradições entre o universal e o particular, finito e infinito, racional e irracional, e entrar nessa condição não tentando compreendê-la em sistemas, mas sim com uma paixão por tais paradoxos, tal como irá expressar o padre Paneloux de Oran: “Isso é revoltante, pois ultrapassa a nossa compreensão. Mas talvez devemos amar o que não conseguimos compreender” (CAMUS, 2010, P. 191). Tanto o filósofo dinamarquês quanto o

argeliano irão se empenhar em demonstrar que a sistematização e a racionalização do mundo são meras ilusões, jamais podendo se concretizar na existência efetiva. No texto “O mito de Sísifo”, Camus irá dizer que:

“O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz”. (CAMUS, 2010, P. 41)

Pensado originalmente com um conto, mas que tomou proporções muito maiores ao longo de sua redação, “A queda” (1956) pode ser considerado como um livro síntese das reflexões acerca do absurdo. Nele, o narrador Jean-Baptiste Clamence representa o típico burguês da sociedade moderna que vive imerso na racionalização, e que acredita que seus bons atos conferem sentido à sua existência. Clamence se orgulhava de suas qualidades e não deixava de considerar as potencialidades que poderia alcançar, pois acreditava que poderia ser bom em qualquer coisa.

Porém ao longo da narração Camus presenteia seu personagem com uma virada brusca, ao depará-lo com o absurdo, fazendo o mesmo se dar conta do seu desespero. Tudo se inicia com a insatisfação crescente em relação aos prazeres que vai tomando forma. É então, a partir do episódio em que Clamence vê uma figura se jogar no rio Sena, que o protagonista ficará impressionado e irá reconhecer o estado no qual se encontra. Analisando o personagem partindo do pensamento de Kierkegaard, percebemos que a tomada de consciência do desespero é sempre de grande impacto para o indivíduo:

“Que importa pois que o desesperado ignore o seu estado, se nem por isso deixa de se desesperar? Se esse desespero é desvario, a ignorância ainda o torna maior: é estar ao mesmo tempo desesperado e em erro. Tal ignorância está para o desespero como está para a angústia, a angústia do nada espiritual reconhece-se precisamente pela segurança vazia do espírito. Mas, no fundo, a angústia está presente, assim como o desespero, e quando se suspende o encantamento das ilusões dos sentidos, desde que a existência vacila, o desespero, que espiava, surge.” (KIERKEGAARD, 1979, P. 217)

O personagem Clamence ainda observa que o que leva o homem moderno à esse estado é a maneira como o sociedade se constrói acerca do sujeito, com “um

emprego, uma família, férias organizadas” (CAMUS, 2006, p.9). Aos poucos a rotina, a estrutura social e a promessa de uma vida tranqüila e bem sucedida vão sufocando as potencialidades do sujeito e dissolvendo o seu eu. E quando o sujeito se vê diante daquilo que poderia ter sido, mas não é mediante as escolhas que fez, ele acaba por adentrar em outra situação psicológica também conceituada por Kierkegaard, a angústia. Diante da liberdade de qualquer coisa querer, mas apenas uma poder escolher, o sujeito sofre dessa angústia. O homem se angustia porque diante de si ele vê um imenso nada toda vez que tenta projetar o sentido da existência para fora de si. Esse sentido não pode ser alcançado no mundo, mas somente em um profundo mergulho naquilo que lhe é mais estranho: O seu próprio “eu”.

5 CONCLUSÃO

O que Kierkegaard nos demonstra, é que o desespero é um estado pelo qual o sujeito deve passar, mesmo sendo uma doença. O fato é que poucas pessoas não estão em desespero. Algumas se desesperam justamente por ter consciência dele e outras o são simplesmente por ignorá-lo. Algumas se desesperam por tentar enfaticamente afirmar o seu eu para o mundo, outras por não aceitá-lo e desejarem ser outra pessoa. Existem aqueles que, se desesperam por querer alcançar algo, e aqueles que, por já terem alcançado tudo o que queriam, não vêem mais sentido na existência. Aceitar essa perturbação na dialética do espírito é o primeiro passo para a sua superação, que se dá através dos saltos para os estágios da existência. Mas a cura para tal só é possível para aquele que aceita o caráter paradoxal da existência.

Camus não parece discordar do filósofo de Copenhage nesse ponto. Ele também reconhece a dialética entre a finitude e a infinitude, pois diz que “o desespero, como o absurdo, julga e deseja tudo, em geral, e nada, em particular” (CAMUS, 2010, p.26). Entretanto, Camus está atento para os efeitos que esses estados podem ter na humanidade em geral: O niilismo. A única forma de enfrentá-lo parece residir na afirmação de seu personagem Clamence: “Amo a vida, eis a minha maior fraqueza. Amo-a tanto que não tenho imaginação para o que não for vida” (CAMUS, 2006, P. 58).

Absurdo. Desespero. Angústia. Os personagens de Camus transitaram de um estado ao outro, e é isso o que cria em torno deles a aura melancólica de quem

olhou para os abismos da existência e percebeu que eles só são transponíveis mediante a compreensão do eu. Mas a busca da compreensão do eu é perpétua. E a falha nessa busca pode ser fatal. Portanto escolher existir, e não apenas viver, é uma decisão arriscada. Ela envolve caminhos estranhos, absurdos e desesperadores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Franca D. **Lógica do niilismo – dialética, diferença, recursividade**. Tradução de Marcelo Perine. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

CAMUS, Albert. **A Morte Feliz**. Tradução de Valerie Rumjanek. 4º edição. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **A Peste**. Tradução de Valerie Rumjanek. 20º edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **A Queda**. Tradução de Valerie Rumjanek. 14º edição. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **O Estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. 29º edição. Rio de Janeiro: Record, 2008

_____. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 8º edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **O Homem Revoltado**. Valerie Rumjanek. 8º edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: E.P.U, 1989.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O Conceito de Angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro VALLs. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

_____. **O Desespero Humano**. Tradução de Afonso Casais Monteiro. In: Os Pensadores, pp.329-421. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

REICHMANN, Ernani. **Soeren Kierkegaard**. Curitiba: Editora Universidade Federal do Paraná, 1978.